Fomes, catástrofes e poéticas da Terra: uma perspectiva interdisciplinar da História Ambiental entre crise e resistência

Famines, disasters, and poetics of the Earth: an interdisciplinary perspective of Environmental History between crisis and resistance

HÉLIO JOSÉ SANTOS MAIA

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (FE/UnB)

URÂNIA MAIA

Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (FACED/UFBA)

Resumo: Este artigo analisa a fome como expressão histórica e ambiental de catástrofes provocadas por ações humanas, a partir de uma abordagem interdisciplinar que integra História Ambiental, ecocrítica e epistemologias ecológicas críticas. O estudo investiga episódios emblemáticos de fome — como a Grande Fome Irlandesa, a fome chinesa do Grande Salto Adiante e a Fome de Bengala — evidenciando a articulação entre degradação ecológica, monoculturas e desigualdade social. No contexto brasileiro, o artigo destaca a "seca de noventinha" e sua representação nas artes. objetivo geral consiste em analisar a fome como uma expressão histórica e ambiental de catástrofes provocadas pela ação humana, relacionando-a às representações artísticas e culturais que elaboram criticamente os impactos da degradação ecológica e da exclusão social. A análise enfatiza o papel das expressões artísticas, sobretudo da obra de Elomar Figueira de Mello, na elaboração poética da escassez, da migração forçada e da devastação ambiental no sertão nordestino. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa e teórica, que mobiliza fontes históricas, obras literárias, iconográficas e musicais, privilegiando uma leitura hermenêutica das representações simbólicas da fome. O artigo contribui para o campo da História Ambiental ao articular natureza, cultura e memória social, ampliando a compreensão das fomes como catástrofes construídas historicamente.

Palavras-chave: Fome; História Ambiental; Migração forçada; Arte e sociedade; Degradação ambiental.

Abstract: *This article examines hunger as a historical and environmental expression of catastrophes triggered by human actions, adopting an interdisciplinary approach that integrates Environmental History, ecocriticism, and critical ecological epistemologies. The study investigates emblematic episodes of famine—such as the Great Irish Famine, the Chinese famine during the Great Leap Forward, and the Bengal Famine—highlighting the interplay between ecological degradation, monocultures, and social inequality. In the Brazilian context, the article focuses on the "nineteen-ninety drought" (seca de noventinha) and its representation in the arts. The primary objective is to analyze hunger as a historical and environmental manifestation of human-induced catastrophes, connecting it to artistic and cultural representations that critically address the impacts of ecological degradation and social exclusion. The analysis underscores the role of artistic expressions, particularly the work of Elomar Figueira de Mello, in poetically articulating scarcity, forced migration, and environmental devastation in the Northeastern Brazilian sertão. Methodologically, this is a qualitative and theoretical study, drawing on historical*

sources, literary works, iconographic materials, and music, with a focus on a hermeneutic reading of symbolic representations of hunger. The article contributes to the field of Environmental History by interweaving nature, culture, and social memory, thereby enhancing the understanding of famines as historically constructed catastrophes.
Keywords: *Famine; Environmental History; Forced migration; Art and society; Environmental degradation.*

Introdução

A fome, uma das mais antigas e persistentes questões humanas, transcende as fronteiras do tempo e do espaço, sendo retratada e ressignificada por diversas manifestações artísticas ao longo da história (HOLT, MAHONEY, 2020). Neste artigo, propõe-se uma análise interdisciplinar inspirada nos aportes da História Ambiental, à luz das catástrofes humanas e ecológicas provocadas por processos históricos de degradação ambiental e desigualdade estrutural. A fome, enquanto expressão de desequilíbrios ambientais e sociais, será aqui abordada também como enunciação estética — particularmente na música de Elomar Figueira de Mello — em consonância com epistemologias ecológicas críticas que denunciam as consequências das monoculturas, da degradação dos ecossistemas e da insensibilidade política diante da vida. Esse fenômeno, que se enraíza profundamente nas condições ambientais, também é um reflexo dos impactos que as atividades humanas têm sobre a natureza.

Tais impactos, frequentemente articulados a decisões políticas, modelos econômicos predatórios e narrativas de progresso descoladas da sustentabilidade, configuram verdadeiras catástrofes produzidas historicamente (Waal, 2018). Fomes em larga escala, desertificação, êxodos forçados e colapsos ecológicos são expressões de um tempo em que a ação humana ultrapassou os limites da regeneração natural, inaugurando o que alguns autores já nomeiam como "era das catástrofes" (DUPUY, 2002; REVET, 2007; OLIVER-SMITH, 2017). A partir de uma abordagem que conjuga História Ambiental, crítica social e leitura poético-musical, este trabalho adota uma perspectiva interdisciplinar, considerando que os fenômenos socioambientais exigem análises integradas, nas quais o sensível, o político e o ecológico se entrelaçam na compreensão dos processos históricos de degradação e resistência.

Essa perspectiva dialógica entre natureza e cultura dialoga com epistemologias ecológicas críticas que emergiram a partir da segunda metade do século XX, como o pensamento sistêmico de Bateson (2000), a ecologia política de Leff (2006) e a crítica da

racionalidade instrumental feita por autores como Santos (2009) e Guattari (1990). Tais abordagens apontam para a urgência de compreender os desastres ecológicos como construções sociopolíticas e epistêmicas, e não como eventos isolados da "natureza".

Neste contexto, o presente artigo parte da seguinte indagação de pesquisa: como a fome pode ser compreendida como uma catástrofe produzida histórica e ambientalmente, e de que modo as expressões artísticas, em especial a obra de Elomar Figueira de Mello, elaboram poeticamente essa memória ecológica e social da escassez, da migração forçada e da degradação territorial? A investigação busca compreender a fome não apenas como um dado socioeconômico, mas como enunciação crítica de processos históricos que articulam natureza, poder e cultura.

Diante disso, o trabalho tem como objetivo geral analisar a fome como uma expressão histórica e ambiental de catástrofes provocadas pela ação humana, relacionando-a às representações artísticas e culturais que elaboram criticamente os impactos da degradação ecológica e da exclusão social. Para o alcance desse objetivo, tem-se como objetivos específicos: investigar episódios históricos de fome em diferentes contextos civilizacionais, sob a ótica da História Ambiental; discutir o papel das artes visuais e da literatura na construção simbólica da fome como memória coletiva e denúncia; interpretar fragmentos da obra musical de Elomar Figueira de Mello como expressão poética de uma ecologia sertaneja marcada pela seca, pela fome e pela resistência.

Com relação à metodologia trata-se de uma pesquisa com enfoque qualitativo de caráter teórico e interdisciplinar, que articula referenciais da História Ambiental, da ecocrítica e das epistemologias ecológicas críticas, incorporando também perspectivas da análise cultural e da estética da recepção, que é uma teoria literária que enfatiza o papel do leitor na criação de significado a partir de um texto, destacando a interação entre a interpretação do leitor e a intenção do autor, moldando assim a compreensão geral de uma obra (KUYUMCU, 2017). O corpus empírico é composto por registros históricos de grandes fomes, obras literárias e artísticas, e canções de Elomar Figueira de Mello, analisadas enquanto dispositivos de produção de sentido sobre os impactos ambientais e sociais da fome. A abordagem privilegia uma leitura hermenêutica, que considera tanto a materialidade dos eventos analisados quanto sua elaboração simbólica.

A partir desses elementos, o artigo se estrutura em torno de três eixos: uma análise histórica das grandes fomes e sua relação com a degradação ambiental, a representação da fome nas artes e sua função crítica, e a leitura das canções de Elomar como enunciação poética de uma ecologia do sertão.

Fome e Catástrofe: um Panorama Histórico e Ambiental

Ao examinar a História Ambiental, compreendemos que a degradação dos ecossistemas, a exploração excessiva dos recursos naturais e as mudanças climáticas intensificam as crises de fome, criando um ciclo devastador que afeta tanto o ambiente quanto as comunidades que dele dependem (MUNANG, THIAW, RIVINGTON, 2011).

> A degradação também aumenta a vulnerabilidade das populações às consequências de desastres naturais e aos impactos das mudanças climáticas. Com 10 milhões de pessoas morrendo de fome a cada ano, é importante reconhecer as ligações entre ecossistemas e segurança alimentar. Embora todos dependamos dos ecossistemas para nossa alimentação e água, cerca de setenta por cento dos estimados 1,1 bilhão de pessoas em situação de pobreza ao redor do mundo vivem em áreas rurais e dependem diretamente da produtividade dos ecossistemas para sua subsistência. (MUNANG, THIAW, RIVINGTON, 2011, p. 937). (Tradução nossa).

O registro histórico, a literatura, a música e outras expressões artísticas têm documentado e divulgado a complexidade da fome e seus desdobramentos. Pesquisadores, escritores, pintores e músicos capturam, em suas obras, as realidades dolorosas das populações afetadas, mas também as esperanças e resistências que emergem dessas experiências. A fome, portanto, não é apenas uma ausência de alimento, mas um tema profundo que conecta o sofrimento humano às mudanças e crises ambientais, reverberando na cultura e na arte de maneira visceral e duradoura. Assim, a arte torna-se não só um espelho das consequências da fome e do impacto ambiental, mas também um meio de reflexão e ação, convocando-nos a uma conscientização crítica sobre o nosso papel na preservação da vida e do planeta.

No livro "*Sapiens: Uma Breve História da Humanidade*" de Yuval Noah Harari, publicado no Brasil em 2014, o autor discute a fome como um dos grandes desafios enfrentados pela humanidade ao longo da história, apontando que, durante a maior parte da existência humana, a fome foi uma ameaça constante, afetando diretamente a sobrevivência das populações. Harari (2014) destaca que a fome era uma das principais

causas de morte, muitas vezes resultante de desastres naturais, como secas ou inundações, bem como de conflitos e colapsos sociais. Também menciona que a produção de alimentos sempre foi um desafio, pois a agricultura, até relativamente recentemente, era muito suscetível às variações climáticas e às pragas.

Todavia, Harari (2014) observa que, no século XX, a humanidade conseguiu superar grande parte desse desafio. Argumenta como explicação para isso, que, com o advento da Revolução Industrial e os avanços tecnológicos na agricultura, como a Revolução Verde[1], a produção de alimentos aumentou significativamente, permitindo que a fome em larga escala fosse reduzida de maneira significativa em muitas partes do mundo. Indica o autor que hoje em dia, a fome é mais uma questão de distribuição e acesso do que de escassez absoluta de alimentos. Em outras palavras, o mundo moderno produz comida suficiente para alimentar a população global, mas problemas políticos, econômicos e logísticos ainda fazem com que a fome persista em algumas regiões.

Mas, do ponto de vista histórico, é perceptível a relação entre grandes fomes e a degradação ambiental na história da humanidade, revelando como a exploração insustentável dos recursos naturais pode levar a consequências devastadoras. Ao longo dos séculos, diversas civilizações enfrentaram crises alimentares severas, frequentemente vinculadas ao esgotamento do meio ambiente que sustentava suas populações. Um exemplo histórico notável é o colapso da civilização Maia, que floresceu na América Central entre os séculos III e IX. Essa civilização dependia fortemente da agricultura para sustentar sua população crescente. No entanto, para atender à demanda por terras cultiváveis, os Maias praticaram o desmatamento em larga escala. Esse desmatamento não apenas reduziu a fertilidade do solo, mas também contribuiu para a erosão, a perda de biodiversidade e, eventualmente, a escassez de água, essencial para as colheitas. Como resultado, a capacidade agrícola da região foi severamente comprometida, contribuindo para a fome generalizada e o declínio da população (GOOD, REUVENY, 2009). Este episódio configura um exemplo clássico de análise da História Ambiental, ao demonstrar como decisões sociais e econômicas moldam — e são moldadas por — transformações nos sistemas ecológicos.

[1] A Revolução Verde, iniciada após 1945, foi um programa de desenvolvimento agrícola que introduziu variedades de culturas de alto rendimento e práticas de cultivo para aumentar a produção de alimentos em países em desenvolvimento, promovendo a circulação global de conhecimento e recursos (HARWOOD, 2018).

Uma das catástrofes mais dramáticas da era moderna, forjada não apenas por eventos naturais, mas, sobretudo, por escolhas humanas e políticas de negligência e exploração colonial, foi a Grande Fome Irlandesa, também conhecida como a "Grande Fome da Batata", ocorrida entre 1845 e 1852. Uma catástrofe demográfica e social que devastou a Irlanda, resultando na morte de aproximadamente um milhão de pessoas e na emigração de mais de dois milhões. A principal causa da fome foi uma praga que atacou as plantações de batata, a *Phytophthora infestans*, um fungo que destruiu a colheita, a qual era a base alimentar da população irlandesa, especialmente entre os mais pobres. A dependência quase exclusiva da batata deixou a população vulnerável quando a praga se espalhou, levando à fome em massa. A situação foi exacerbada por uma resposta inadequada do governo britânico, que controlava a Irlanda na época. As políticas de socorro foram ineficazes e, em alguns casos, até prejudiciais, com a continuidade da exportação de alimentos da Irlanda para a Grã-Bretanha e a falta de medidas eficazes para aliviar a crise alimentar. Além das mortes e da emigração, a Grande Fome teve impactos duradouros, incluindo a desintegração social, a perda de terras e mudanças significativas na estrutura da propriedade rural irlandesa, provocando uma profunda desconfiança em relação ao governo britânico, alimentando o nacionalismo irlandês que mais tarde culminaria em movimentos por independência. A Grande Fome é lembrada como um dos eventos mais trágicos da história da Irlanda, deixando marcas profundas na identidade e na diáspora irlandesa (Ó GRÁDA, 2009).

Embora a principal causa imediata tenha sido a praga da batata, conhecida como míldio, que devastou as colheitas, o impacto foi amplificado também pela degradação ambiental e pelo uso inadequado da terra. A monocultura da batata, incentivada pela pressão econômica britânica e a concentração de terras férteis nas mãos de poucos proprietários, deixou a população rural extremamente vulnerável a falhas nas colheitas, acarretando a degradação do solo e a falta de diversidade agrícola que acentuaram a crise (Ó GRÁDA, 2009).

A análise da Grande Fome Irlandesa sob a perspectiva da História Ambiental, ressalta os perigos inerentes à baixa diversidade ambiental das monoculturas. A dependência quase total da população irlandesa em uma única cultura, a batata, tornou a sociedade extremamente vulnerável a pragas como o fungo que devastou as colheitas entre 1845 e 1852. Ó Gráda (2009) destaca como a monocultura da batata, que se tornou

a principal fonte de alimentação para grande parte da população irlandesa, especialmente entre os mais pobres, criou uma situação de risco elevado. A falta de diversidade agrícola significava que quando a praga atacou, não havia alternativas viáveis para suprir as necessidades alimentares da população.

Do ponto de vista da História Ambiental, essa situação exemplifica o perigo da falta de resiliência ecológica em sistemas agrícolas baseados na monocultura. A diversidade ambiental é de fundamental importância para mitigar os riscos de pragas e outras ameaças naturais. A catástrofe irlandesa demonstra como a falta de diversidade pode amplificar os impactos de um desastre ambiental, resultando em crises humanitárias de larga escala. A monocultura da batata, ao invés de garantir a segurança alimentar, acabou por expor toda uma sociedade a uma vulnerabilidade extrema diante de um único fator adverso.

Nas artes, a Grande Fome Irlandesa é um fato histórico abordado tanto na literatura quanto no cinema. Na literatura, Liam O'Flaherty publica em 1937 seu romance histórico "*Famine*" em que aborda diretamente a Grande Fome Irlandesa, descrevendo em detalhes a devastação e o impacto social que a fome teve sobre a população rural da Irlanda. O autor, conhecido por seu realismo brutal, oferece uma visão sombria e poderosa da tragédia (O'FLAHERTY, 1949). Já no cinema o filme irlandês "Black '47" de 2018, de Lance Daly, é um dos poucos que aborda diretamente a Grande Fome Irlandesa. O filme retrata a história de Martin Feeney, um desertor do exército britânico que retorna à Irlanda em 1847, durante o auge da Grande Fome. Ao encontrar sua família devastada pela fome e pela opressão, Feeney embarca em uma campanha de vingança contra os responsáveis por sua miséria. O personagem Feeney é perseguido por Hannah, um ex-colega de exército que foi encarregado de capturá-lo. O filme retrata a brutalidade e a injustiça da época, a crueza da Grande Fome da Irlanda, enquanto explora temas de vingança, sobrevivência e resistência.

Ó Gráda (2009), como já apontado, argumenta que a dependência de uma única cultura alimentar foi um problema comum nas crises de fome ao longo da história, incluindo a Grande Fome da Irlanda além de outras crises em outros lugares, como a Grande Fome Chinesa de 1959-1961, também conhecida como a Grande Fome do Grande Salto Adiante, foi uma das mais devastadoras catástrofes induzidas pelo homem na história moderna. Essa fome foi resultado de uma combinação complexa de políticas

governamentais mal concebidas, desastres naturais e más práticas agrícolas impostas durante o Grande Salto Adiante ou Grande Salto para Frente, um ambicioso programa de reforma econômica e social liderado por Mao Tsé-Tung.

Nesse caso da China, Ó Gráda (2009), descreve a fome como sendo em grande parte causada pela política desastrosa do Grande Salto Adiante, que envolveu a coletivização forçada da agricultura, a erradicação de práticas agrícolas tradicionais e a imposição de metas de produção irrealisticamente altas. Essas políticas levaram a uma queda drástica na produção agrícola, enquanto o governo continuava a exportar alimentos para manter sua imagem internacional. Segundo o autor, embora desastres naturais como secas e inundações tenham contribuído para a fome, a maioria dos estudiosos concorda que a Grande Fome Chinesa constitui uma das maiores catástrofes humanas e ambientais do século XX, resultado direto de decisões estatais desastrosas, que desconsideraram os ritmos naturais, erradicaram práticas tradicionais e impuseram metas irreais em nome do progresso.

A fome resultou na morte de um número estimado entre quinze e quarenta milhões de pessoas, dependendo das estimativas, tornando-se uma das fomes mais mortíferas do século XX. A resposta do governo foi inadequada e, em muitos casos, agravou a situação ao reprimir informações sobre a gravidade da crise e ao continuar a coletivizar e exportar recursos. A tragédia expôs as falhas profundas do regime e teve consequências de longo prazo para a política chinesa, incluindo uma reavaliação das políticas de Mao e mudanças na abordagem do governo para o desenvolvimento agrícola e a segurança alimentar (Ó GRÁDA, 2009).

Outro exemplo de fome trazido por Ó Gráda (2009), que associa problemas ambientais com decisões políticas desastrosas, diz respeito à Fome de Bengala de 1943. Uma catástrofe humanitária que ocorreu durante a Segunda Guerra Mundial na província de Bengala, então parte da Índia britânica. Estima-se que essa fome tenha causado a morte de cerca de dois a três milhões de pessoas, sendo um dos eventos mais trágicos e controversos da história colonial britânica.

Segundo Ó Gráda (2009), a fome de 1943 foi causada por uma combinação de fatores naturais, econômicos e políticos. A colheita de arroz em Bengala naquele ano foi afetada por uma série de desastres naturais, incluindo ciclones e inundações, que destruíram grandes áreas de cultivo. No entanto, Ó Gráda (2009) enfatiza que as causas

principais foram de natureza humana, em grande parte relacionadas à resposta inadequada do governo britânico às condições de escassez. A política de "*Denial*", adotada pelas autoridades coloniais com o objetivo de evitar que os recursos caíssem nas mãos dos japoneses, envolvia a destruição de estoques de alimentos e a retirada de barcos de pesca, o que intensificou a crise alimentar.

Ó Gráda (2009) aponta que, além da destruição dos recursos locais, a inflação severa e a especulação no mercado de alimentos levaram a um aumento drástico nos preços dos alimentos básicos, como o arroz, tornando-os inacessíveis para a maioria da população. A má administração e a falta de uma resposta eficaz por parte do governo britânico contribuíram para agravar a situação. A tragédia de Bengala foi ainda aumentada pela relutância do governo britânico em declarar a situação como uma fome e pela inadequada mobilização de recursos para o alívio, o que resultou em um sofrimento massivo e evitável. O impacto duradouro da fome na política indiana, contribuindo para o crescimento do sentimento nacionalista e a desconfiança em relação ao governo colonial britânico.

Esses exemplos acima sublinham a interdependência entre o meio ambiente e a segurança alimentar, ainda que a ação humana contribua para agravar essas situações. A degradação ambiental, muitas vezes impulsionada pela exploração excessiva e insustentável dos recursos naturais, pode desencadear uma série de eventos que culminam em fomes devastadoras. Essas crises alimentares, por sua vez, têm o poder de desestabilizar sociedades inteiras, levando ao declínio ou mesmo à extinção de civilizações. Portanto, a história nos oferece lições valiosas sobre a necessidade de práticas agrícolas sustentáveis e da conservação ambiental para garantir a sobrevivência e o bem-estar das populações futuras.

A leitura das fomes como catástrofes sistematicamente produzidas nos permite repensar os modos como o humano historicamente ocupou a terra — e como essa ocupação, ao repetir padrões extrativistas e excludentes, engendra crises que poderiam ser evitadas. Assim, ao historicizar a fome, revela-se não apenas suas causas ambientais, mas suas raízes políticas, civilizatórias e morais.

Com base nessas leituras, o presente trabalho também se filia às epistemologias ecológicas que propõem um olhar mais relacional e interdependente entre seres humanos e ambiente, valorizando saberes locais, memória social e narrativas poéticas como formas

de resistência e re-existência frente às catástrofes socioambientais (KOPENAWA; ALBERT, 2015; SHIVA, 1993; HARAWAY, 2016). Como afirma Haraway (2023, p. 13),

> [...] ficar com o problema requer aprender a estar verdadeiramente presente; não como um eixo que se desvanece entre passados terríveis ou edênicos e entre futuros apocalípticos ou salvadores – mas como bichos mortais entrelaçados em uma miríade de configurações inacabadas de lugares, tempos, matérias, significados. (Tradução nossa).

Essa perspectiva representa um convite à habitar o mundo em sua incompletude, cultivando modos de conhecimento situados, implicados e afetivamente comprometidos com a vida em sua multiplicidade e finitude.

A história das grandes fomes do mundo pode ser analisada a partir do impacto sobre o meio ambiente, como causa ou como consequência. Pela História Ambiental é possível entender que grandes fomes não apenas foram influenciadas por fatores ambientais, mas também tiveram consequências significativas para os ecossistemas e as práticas de manejo do meio ambiente.

A Representação Artística da Fome como Memória Ecológica

A inserção das expressões artísticas neste trabalho — como literatura, pintura e canção popular — responde a uma escolha metodológica interdisciplinar. Essas obras não apenas representam os impactos das catástrofes ambientais e sociais, mas também funcionam como documentos sensíveis, capazes de revelar os sentidos subjetivos e coletivos das experiências históricas de fome e escassez.

Ao considerar a produção artística como parte de uma ecologia dos saberes, adota-se aqui uma perspectiva epistemológica que reconhece as artes como formas legítimas de conhecimento sobre o mundo natural e social. A noção de *ecopoética*, que articula expressão estética e consciência ecológica, permite compreender a música e a literatura como dispositivos sensíveis de denúncia e memória ambiental (BUELL, 1995; SERRES, 1990).

Em Buell (1995) há uma abordagem sobre a percepção ambiental e o papel da natureza na literatura, enfatizando como a escrita de Thoreau e outros autores influenciaram a formação da cultura ambiental americana. O autor argumenta que uma compreensão mais "ecocêntrica" do ser humano é essencial para a literatura e o

pensamento humanístico, explorando a relação entre a história natural e a história humana, sugerindo que a natureza não é apenas um pano de fundo, mas uma presença que molda as narrativas e a experiência humana. Assim, Buell (1995) investiga a forma como a literatura pode refletir e influenciar a consciência ambiental, destacando a importância da ética biocêntrica e a resiliência da escrita ambiental pós-Segunda Guerra Mundial.

Ao considerar o papel da literatura e das artes na conformação da consciência coletiva, é possível afirmar que essas expressões simbólicas operam como instrumentos de mediação entre o sensível e o ético, influenciando diretamente a percepção social sobre temas complexos como os problemas ambientais, a escassez de recursos e as desigualdades humanas. Buell (1995, p. 3), ao refletir sobre o impacto das imagens na ação humana, afirma: “a forma como imaginamos algo, seja verdadeira ou falsa, afeta nossa conduta em relação a isso — a conduta das nações tanto quanto das pessoas” (tradução nossa). Ou seja, a maneira como imaginamos algo, verdadeira ou não, afeta nossa conduta diante disso — tanto no plano individual quanto no coletivo. Com base nessa premissa, compreende-se que os discursos artísticos modelam formas de ver e sentir o mundo, produzindo sentidos e afetos que se estendem para além da obra em si e que são capazes de mobilizar atitudes, políticas e modos de existência. A literatura ambiental, por exemplo, não apenas tematiza a natureza, mas reconfigura a relação entre humano e não humano, ajudando a forjar uma ética biocêntrica. O mesmo ocorre nas artes visuais, nas quais a representação da morte e da fome, pode ser exemplificada pela obra que trata do tema da fome, mas de forma mais ampla e no contexto de privações e dificuldades humanas, é "*O Triunfo da Morte*" (1562) de Pieter Bruegel, o Velho (1525-1569). Nesta pintura, a morte é retratada como uma força devastadora que toma conta do mundo, e entre as cenas de destruição, há representações de fome, desespero e miséria, como a do cavalo vermelho magro, montado por um esqueleto humano com o ceifador da morte em suas mãos. Bruegel era conhecido por suas obras que frequentemente comentavam sobre as condições sociais e a natureza humana. Pinturas como essa, são exemplos de como a fome e a escassez foram abordadas na arte medieval e renascentista, muitas vezes em um contexto de punição divina ou como parte de uma visão mais ampla das misérias da vida humana, sendo a fome figura central.

A imagem da fome, nas artes visuais, tem sido historicamente representada por corpos esquálidos, à beira da inanição, marcados pela exaustão física e pelo olhar perdido

diante da iminência da morte. Essa iconografia recorrente — que associa a escassez de alimentos à presença sombria da morte — compõe um imaginário de sofrimento extremo que atravessa séculos e estilos. De *O Triunfo da Morte*, de Pieter Bruegel, com suas figuras devastadas em meio ao caos apocalíptico, até obras como *Retirantes*, de Cândido Portinari, em que a dor e a fragilidade humana diante da seca e da fome ganham contornos dramáticos e compassivos, a arte tem sido um espelho das catástrofes sociais e ecológicas, tornando visível o que muitas vezes é invisibilizado. Essa continuidade revela não apenas a permanência da fome como uma chaga histórica, mas também o papel das artes em denunciar, sensibilizar e formar consciências frente às crises que dilaceram o corpo coletivo da humanidade.

Paisagens da Escassez: Fome e Seca no Brasil

As primeiras discussões sobre a fome no Brasil, envolvendo preocupações de políticos, intelectuais e outros setores da sociedade, começam a se delinear mais claramente a partir do final do século XIX e início do século XX (CASTRO, 1984). No entanto, há um longo percurso histórico que precede essas discussões, enraizado nas desigualdades sociais e nas condições econômicas que marcaram a formação do Brasil. Assim, é possível apontar que durante o período colonial e ao longo do Império, a fome era uma realidade nas áreas rurais, principalmente devido à estrutura agrária baseada no latifúndio e na monocultura de exportação, como a cana-de-açúcar e o café. Essas práticas negligenciavam a produção de alimentos para o consumo interno, o que gerava crises alimentares, especialmente em períodos de seca. Todavia, a fome era amplamente vista como uma questão local ou regional e não como um problema nacional. As elites e o governo geralmente encaravam a fome como uma consequência natural das secas e das adversidades climáticas, sem reconhecer suas raízes sociais e econômicas (CASTRO, 1984).

> A fome, no Brasil, é consequência, antes de tudo, do seu passado histórico, com os seus grupos humanos sempre em luta e quase nunca em harmonia com os quadros naturais. [...] Aventura desdobrada em ciclos sucessivos de economia destrutiva, ou pelo menos desequilibrante da saúde econômica da nação: a do pau-brasil, a da cana-de-açúcar, a da caça ao índio, a da mineração, a da lavoura nômade, a do café, a da extração da borracha, e finalmente a da industrialização artificial baseada no ficcionismo das barreiras alfandegárias e no regime da inflação... E o 'fique rico' tão agudamente estigmatizado por Sérgio Buarque de Holanda... Em última análise, esta situação de desajustamento econômico e social foi consequência da inaptidão do estado

> político para servir de poder equilibrante entre os interesses privados e o interesse coletivo. (CASTRO, 1984, p. 25).

Porém, as primeiras preocupações mais sistemáticas com a fome e suas causas estruturais começam a aparecer com o advento do pensamento republicano e as mudanças econômicas e sociais do final do século XIX. O movimento abolicionista, que culminou na Abolição da Escravatura em 1888, trouxe à tona questões sobre a marginalização dos ex-escravos e a pobreza extrema nas áreas urbanas e rurais, que muitas vezes resultavam em fome. Intelectuais e políticos da época começaram a perceber a necessidade de reformas sociais, embora essas discussões ainda fossem incipientes. Mas, a preocupação com a fome como um problema social e econômico mais amplo ganha força nas primeiras décadas do século XX, especialmente com o crescimento das cidades e o surgimento de movimentos sociais e políticos que questionavam a ordem estabelecida. A Revolta da Chibata (1910) e a Greve Geral de 1917, entre outros movimentos, trazem à tona o descontentamento popular com as condições de vida nas cidades, incluindo a fome. Nesse período, figuras como Euclides da Cunha, em "*Os Sertões*" (1902), já abordavam indiretamente a questão da fome, relacionando-a à pobreza e às condições adversas no sertão.

A partir dos anos 1930, a questão da fome começa a ser tratada de maneira mais sistemática e científica. A crise de 1929 e a ascensão de Getúlio Vargas ao poder em 1930 levam à implementação de políticas sociais que, pela primeira vez, abordam a pobreza e a fome como problemas nacionais. Nesse contexto, Josué de Castro emerge como uma figura central nesse debate. Assim, seu trabalho, "*Geografia da Fome*" lançado em 1946, é um marco na análise das causas sociais e econômicas da fome no Brasil. Castro (1984) associa a fome não apenas a fatores climáticos, mas também à má distribuição de renda, à concentração de terras e à falta de políticas públicas adequadas.

Castro (1984) menciona a diversidade de solos e climas no Brasil, que deveria permitir uma ampla produção de alimentos. No entanto, essa produção é comprometida por práticas agrícolas inadequadas, como a monocultura e o latifúndio, que não aproveitam plenamente o potencial das terras e resultam em produtividade agrícola baixa e inadequada. A fome é, portanto, vista como um reflexo das condições ambientais mal aproveitadas devido à má gestão econômica e social, que agrava a subnutrição e a fome endêmica em várias regiões, analisando a monocultura, como a da cana-de-açúcar no Nordeste, colaborando para o desequilíbrio social e alimentar, demonstrando a interação

entre o ambiente natural e os sistemas sociais na perpetuação da fome. Essa abordagem evidencia a interdependência entre os fatores ambientais e as práticas humanas na formação dos padrões alimentares e nutricionais da população brasileira.

Outros intelectuais da época, como Rachel de Queiroz com "*O Quinze*" publicado inicialmente em 1930, também contribuíram para a sensibilização da sociedade e das elites políticas sobre a realidade da fome no Nordeste e a necessidade de intervenções. "*O Quinze*" é o romance de estreia da escritora brasileira. A obra é uma das mais importantes da literatura modernista no Brasil e aborda de forma marcante a grande seca de 1915, que devastou o Nordeste do Brasil, especialmente o estado do Ceará (QUEIROZ, 2023). No romance a autora oferece um retrato poderoso da realidade do sertão nordestino, fornecendo um olhar crítico sobre as consequências sociais da seca, como a fome, a miséria e o êxodo rural. Rachel de Queiroz utiliza uma linguagem simples e direta, mas carregada de sensibilidade, para expor a dor e o desespero dos personagens, ao mesmo tempo em que denuncia a falta de políticas públicas eficazes para ajudar os sertanejos. O romance é considerado uma obra-prima do regionalismo brasileiro, destacando-se por sua autenticidade e pela forma como humaniza a experiência dos nordestinos. "*O Quinze*" marcou o início da carreira literária de Rachel de Queiroz, que mais tarde se tornaria uma das escritoras mais importantes do Brasil, sendo a primeira mulher a entrar na Academia Brasileira de Letras. Mas, seu romance pioneiro é mais do que uma narrativa sobre a seca, é uma denúncia das condições sociais e econômicas que perpetuam a miséria no sertão. Ao explorar a vida de personagens como Chico Bento e sua família, Raquel de Queiroz revela as consequências diretas da seca: a fome, a desintegração das famílias e a migração forçada, destacando a falta de políticas públicas eficazes para combater os efeitos da seca e melhorar as condições de vida no sertão, trazendo à tona questões de justiça social e desigualdade (QUEIROZ, 2023).

Embora a ambientação do romance de Raquel de Queiroz seja já no século XX, em 1915, entre as grandes fomes no Brasil, pode-se destacar a do final do século XIX, portanto, os cataclismos da seca e da fome estão implantados no Brasil há muito tempo. Por exemplo, o Nordeste foi abalado pela seca de 1877-1879, sobretudo o estado do Ceará, chamada de “seca de noventinha” ou “fome do noventinha”, que destruiu a economia e acentuou a fome, a desigualdade e a migração para a Região Sudeste do país (PEREIRA, 2023). Sob a perspectiva da História Ambiental pode-se compreender mais

profundamente as consequências ecológicas e sociais dessa catástrofe, uma vez que a seca prolongada levou à degradação intensa do solo, que sem a umidade necessária perdeu sua capacidade de suportar a vegetação, resultando em erosão. A falta de chuvas e a consequente falta de cobertura vegetal expuseram o solo à ação dos ventos, agravando ainda mais a erosão.

Sertão, Seca e Canção: A Poética Ambiental de Elomar

Frente à recorrência histórica das fomes como catástrofes resultantes da má gestão ambiental e das estruturas excludentes, a arte se apresenta como uma forma potente de denúncia e elaboração simbólica dos traumas coletivos. A música popular nordestina, nesse sentido, oferece uma chave interpretativa para pensar os impactos das catástrofes ambientais a partir de um lugar de pertencimento territorial, afetivo e histórico. A obra de Elomar Figueira de Mello, por sua elaboração poética profundamente enraizada no semiárido brasileiro, oferece uma perspectiva singular sobre a fome enquanto expressão da injustiça ambiental e do esquecimento institucional.

A leitura da obra de Elomar insere-se numa abordagem de História Ambiental que considera os artefatos culturais como portadores de memória ecológica e crítica social, sendo a canção um espaço privilegiado para a articulação entre sujeito, território e natureza. Por exemplo, na música "*Curvas do Rio*" de Elomar Figueira de Mello, lançada em 1980 no LP "Parcelada Malunga" com Arthur Moreira Lima, o compositor retrata a vida difícil no sertão marcada por desafios como a seca, a pobreza e a migração forçada em busca de melhores condições de vida. Na letra da música a frase "*Foi na monarca a primeira derrubada, dêrna d'então é Sol é fogo é tái d'inxada*" (sic), o autor refere-se ao início da destruição ambiental na região, especialmente à derrubada da vegetação nativa, ainda no período da Monarquia, caso a interpretação de "monarca" seja uma referência ao início da exploração das terras e dos recursos naturais no Nordeste do Brasil, ainda no período imperial. Nesse contexto, a "*primeira dirrubada"* pode simbolizar o começo do desmatamento e da degradação ambiental, que ocorreram com a expansão agrícola, a mineração e a exploração de madeira, iniciadas já no período colonial e intensificadas durante o Império. O trecho "*Dêrna d'então é Sol é fogo é tái d'inxada"* reforçaria a ideia de que desde aquele período histórico, as práticas de exploração predatória da terra resultaram em um ciclo contínuo de degradação ambiental, com consequências

duradouras como a aridez da terra (representada pelo sol e pelo fogo) e o trabalho árduo e incessante para tentar cultivar essa terra empobrecida. Essa interpretação histórica sugere que Elomar está fazendo uma crítica não apenas ao desmatamento e às queimadas em si, mas também ao processo histórico que levou a essas condições. O compositor parece estar denunciando como as decisões e práticas do passado, iniciadas ainda no período monárquico, contribuíram para a situação de degradação e dificuldade enfrentada pelos sertanejos no presente.

Outra canção de Elomar que aponta a temática de fome e seca é a "*Puluxia*" lançada em 1979 no LP "Na Quadrada das Águas Perdidas". Nela o compositor conta a história de Gonsalin, um tropeiro que dedicou sua vida às estradas, caminhando de janeiro a janeiro, desde que perdeu o seu pai na "fome de noventinha", rememorando a fome do final do século XIX citada acima. Elomar, ao mencionar que Gonsalin perdeu o pai durante essa seca, conecta a narrativa pessoal do tropeiro à tragédia coletiva da seca. A expressão "*só dêis anos ele tinha*" na letra da música sublinha a vulnerabilidade e a dor de uma criança que, tão cedo na vida, foi confrontada com a perda e a necessidade de sobreviver em um ambiente extremamente hostil. Esse episódio define o destino de Gonsalin, que passa a vagar pelas estradas, quase como um reflexo da aridez e da dificuldade que marcaram sua vida desde a infância.

A referência à "*fome de noventinha*" também pode ser vista como uma crítica indireta às condições sociais e ambientais que perpetuaram a miséria no sertão nordestino. Durante a Monarquia no Brasil, a política e a exploração econômica foram responsáveis por grande parte da degradação ambiental, como mencionado anteriormente. O desmatamento e a exploração predatória das terras agravaram as condições ambientais contribuindo para a intensificação das secas e a falta de recursos para as populações rurais. Portanto, a vida errante de Gonsalin pode ser interpretada como uma consequência direta do impacto ambiental e das políticas inadequadas que começaram ainda no Brasil Colônia, se estenderam pelo Brasil Império e apresentam consequências até os dias atuais, deixando os sertanejos em uma luta constante contra a natureza devastada e as secas implacáveis. A figura do tropeiro, que vive nas estradas e depende dos animais para sobreviver, simboliza a resistência e a resiliência do homem sertanejo nordestino, mas também a tragédia de uma vida moldada por condições adversas.

Em outro trecho da música, Elomar questiona "...*Cadê João Imburana Qui nunca mais vem*...". Possivelmente a ausência de "*João Imburana*", pode simbolizar a perda de recursos naturais ou de figuras importantes, talvez até mesmo da imburana (*Commiphora leptophloeos*), árvore nativa da caatinga, cujo nome vulgar de origem tupi, significa *falsa árvore da água*, evidenciando a conexão com a terra e o impacto das mudanças ambientais. Em uma perspectiva da História Ambiental, Elomar tece uma narrativa que vai além da história de um tropeiro. O compositor está contando a história de um povo que, ao longo das gerações, foi moldado por condições ambientais adversas que, longe de serem meramente naturais, foram agravadas por um processo histórico de exploração predatória da terra e abandono político. Nesse contexto, a fome, a migração e o sofrimento tornam-se expressões de uma catástrofe prolongada, silenciosa, que denuncia as falhas estruturais da relação entre sociedade e natureza, em grande parte resultantes de um processo histórico de exploração e degradação, iniciando ainda no período colonial e monárquico.

A "seca de noventinha" (1877-1879) citada pelo bardo Elomar, afetou severamente o Nordeste brasileiro, uma região já tradicionalmente vulnerável à falta de chuvas e à aridez. Algumas áreas do Nordeste foram mais severamente afetadas pela seca do noventinha. O Ceará da ambientação de Raquel de Queiros em "O Quinze", por exemplo, foi uma das áreas mais afetadas pela seca. A economia baseada principalmente na agricultura de subsistência e na pecuária, foi devastada. Milhares de pessoas migraram do interior para as cidades ou para outras regiões do país, em busca de melhores condições de vida. A Paraíba, especialmente em suas áreas interiores, também enfrentou consequências devastadoras da seca. A escassez de chuvas levou ao colapso da produção agrícola e à morte de muitos animais, afetando profundamente a economia local e impulsionando a migração. O sertão do Rio Grande do Norte sofreu com a redução drástica da oferta de água e a perda de colheitas, o que resultou em graves dificuldades para a população local, particularmente os agricultores. Já no sertão pernambucano, a seca provocou a destruição de plantações e a morte de rebanhos, exacerbando a pobreza e a fome. As áreas semiáridas do Piauí e do norte da Bahia também sentiram os efeitos da seca, com a agricultura e a pecuária seriamente comprometidas, levando à migração forçada e à crise socioeconômica. Embora menos mencionados em relação a outras áreas, o sertão de Alagoas e Sergipe também foi impactado pela seca, especialmente nas áreas

mais afastadas do litoral, onde as condições climáticas já eram difíceis (GUERRA, 1981; DIAS, 2018).

Embora estiagens na Região Nordeste sejam recorrentes e frequentes, a severidade da seca de 1877 a 1879, levou à denominação específica em função das consequências observadas, tais como, a migração em larga escala, conhecida como "êxodo nordestino", no qual milhares de pessoas deixaram suas terras em busca de melhores condições de vida em outras partes do Brasil, especialmente para a Amazônia (durante o ciclo da borracha) e o Sudeste. Além disso, as condições extremas de fome e miséria se espalharam por várias partes do Nordeste, levando ao colapso de pequenas economias locais e ao aumento da desigualdade. O impacto social foi devastador, com muitas mortes devido à fome e doenças, além de uma intensa desertificação das comunidades locais.

Outra canção de Elomar que retrata essa migração forçada pela seca é *Retirada*, lançada em 1973 no LP "... Das Barrancas do Rio Gavião", que traduz poeticamente o drama secular do abandono forçado das terras sertanejas em decorrência da seca e da degradação ambiental. O eu lírico narra, com tom elegíaco, a dura travessia dos retirantes nordestinos que, sem alternativas, deixam para trás não apenas sua terra, mas sua história, seus afetos e sua identidade. A estrofe "*Levando só necessidade / Saudades do seu lugar*" condensa a dor do esvaziamento forçado, em que o que resta é a escassez e a memória. A estrada enluarada, por onde seguem sem "vontade de chegar", metaforiza um caminho sem escolhas, no qual o sofrimento não passa, como afirma o verso: "*Tudo passa nesse mundo / Só não passa o sofrimento*". Ao apontar que "*um ritirante vai ficar*", o poeta denuncia o ciclo trágico de deslocamentos em que, mesmo ao fugir da fome e da seca, o sertanejo continua condenado à exclusão. Elomar canta não por lamento vaidoso, mas como gesto de memória e resistência — evocando "*as beleza devoluta / que Deus no sertão botou*" — e revelando que, por trás da migração forçada, há uma profunda injustiça social e ambiental que fere o corpo do sertão e expulsa seus filhos.

Outra canção, *"A Pergunta"*, também laçada em 1979 no LP "Na Quadrada das Águas Perdidas**"** amplia o repertório de Elomar sobre os deslocamentos forçados causados pela seca no sertão e traz, em sua tessitura lírica, a dor da separação, a denúncia do descaso e uma interpelação direta ao sagrado. O eu lírico, em tom de carta ou recado dirigido a um irmão de sangue ou de terra, atualiza o drama dos que partiram — os

"*retirantes em pirigrinação*" — e dos que ficaram para "*comer arêa*" e "*capa de cangaia véia*", alimentando-se do que resta depois que tudo se foi.

A música se estrutura como uma narrativa testemunhal, construída por imagens de escassez extrema, como "*cumê coro de rabudo*" e "*precata e surrão*", nomes dados a partes descartadas de animais, e por referências ao colapso ambiental: a "*cacimba do rio Gavião*" já sepultou mais de um cristão, sugerindo que o lugar da água se tornou lugar de morte. Há uma inversão dos elementos da vida — a terra, a água, os rios — que passam a simbolizar morte, desespero e abandono.

No trecho final, o eu lírico revela que a migração não é apenas deslocamento físico, mas dilaceramento subjetivo: a travessia a pé com o irmão, em busca de uma mísera "*quarta de farinha*", é marcada pela imagem da "*mãe lua magrinha*", testemunha muda da fome e da esperança. A pergunta que dá nome à canção, "*Será que quando eu chego in minha terra / ainda vou encontrar o que é meu?*", é mais do que um apelo — é uma interrogação ontológica sobre pertencimento, desterro e esquecimento. A invocação final a Deus é ambígua, revelando a tensão entre fé e abandono: "*Será que Deus do céu, aqui na terra, de nosso povo intonce se isqueceu?*".

Elomar, mais uma vez, se mostra um cronista musical da História Ambiental do sertão, compondo com sons e palavras a arqueologia do sofrimento coletivo de um povo marcado pela catástrofe socioambiental continuada. Sua canção testemunha uma memória ecológica encarnada na oralidade, nos afetos e nos rastros da migração — e torna-se, assim, também documento histórico e poético de resistência.

Conclusão

Ao longo desse artigo, procurou-se iluminar as interações entre estruturas sociais e variáveis ambientais que caracterizam o tempo das catástrofes, tomando como fio condutor a história da fome, suas raízes ambientais e suas reverberações culturais. O entrelaçamento entre História Ambiental, catástrofe e produção simbólica — aqui exemplificada por Elomar — constitui um terreno fecundo para pensar epistemologias alternativas, sensíveis à pluralidade dos saberes e à necessidade de se reconstruir a relação entre sociedade e natureza. Assim, o presente trabalho contribui para a consolidação de

um campo crítico e sensível da História Ambiental, comprometido com a justiça ecológica e a memória dos povos impactados.

Ao propor uma leitura interdisciplinar da fome como catástrofe ambiental, social e simbólica, este trabalho amplia as possibilidades analíticas da História Ambiental. A travessia entre história, ecologia, política e arte permite compreender como a degradação do ambiente reverbera nas formas de vida, nas estruturas de poder e nas estéticas da resistência. Diante da questão que orientou este estudo — de que maneira a fome pode ser compreendida como uma catástrofe produzida histórica e ambientalmente, e como as expressões artísticas, especialmente a obra de Elomar Figueira de Mello, elaboram poeticamente essa memória ecológica e social —, é possível afirmar que o artigo demonstrou que a fome, em diversos contextos históricos, é resultado de ações humanas que conjugam decisões políticas, modelos econômicos predatórios e práticas agrícolas insustentáveis. Ao longo dos séculos, esses fatores desestabilizaram ecossistemas e sociedades, gerando ciclos de escassez e sofrimento evitáveis.

Por outro lado, o percurso analítico também evidenciou que a arte, em especial a canção, tem desempenhado um papel importante na construção de memórias sensíveis e críticas sobre esses processos. Na obra de Elomar, identifica-se a fome e a migração forçada como experiências corporificadas no sertão nordestino, ressignificadas por meio de uma poética que denuncia o abandono político, celebra a resistência do povo e ecoa uma ética da terra. Através de sua lírica, Elomar inscreve no campo da História Ambiental uma ecopoética da escassez, que torna visível o entrelaçamento entre paisagem, cultura e sofrimento coletivo. Assim, a pesquisa confirma que a arte, mais do que representar, reconstrói criticamente a experiência da catástrofe, desafiando as fronteiras entre história, natureza e imaginação.

Ao longo do artigo, os objetivos propostos foram contemplados. O objetivo geral — de analisar a fome como expressão histórica e ambiental de catástrofes provocadas por ações humanas — foi desenvolvido por meio da articulação entre episódios históricos (como as grandes fomes na Irlanda, China e Bengala), a análise das estruturas socioeconômicas que os produziram e os impactos ecológicos que os acompanharam. Demonstrou-se que a fome, longe de ser mero infortúnio natural, é construída pela intersecção entre degradação ambiental e desigualdade estrutural, configurando-se como uma catástrofe sistematicamente produzida.

O primeiro objetivo específico, que propunha investigar episódios históricos de fome sob a ótica da História Ambiental, foi realizado com base em fontes historiográficas e análises interdisciplinares, evidenciando a conexão entre monoculturas, colapso ecológico e crises humanitárias. O segundo, voltado à discussão do papel das artes na construção simbólica da fome, foi desenvolvido por meio da leitura de obras visuais e literárias, destacando a potência estética e ética da arte como mediação crítica e afetiva. Por fim, o terceiro objetivo — interpretar a obra de Elomar como expressão poética de uma ecologia sertaneja — foi também alcançado ao evidenciar como suas canções elaboram uma memória coletiva da fome, da migração forçada e da injustiça ambiental, inscrevendo no campo da História Ambiental uma sensível poética da resistência. Dessa forma, o percurso analítico aqui proposto não apenas responde à questão de pesquisa, como reafirma a relevância de abordagens interdisciplinares que integrem história, arte e ecologia para compreender criticamente os tempos das catástrofes.

Referências

BATESON, Gregory. **Steps to an ecology of mind**. Chicago: The University of Chicago Press, 2000.

BUELL, Lawrence. **The Environmental Imagination**: Thoreau, Nature Writing, and the Formation of American Culture. Harvard University Press, 1995.

CASTRO, Josué. **Geografia da fome**: o dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1984.

DIAS, D. J. C. Mortalidade e migração no período da seca de 1877-1879 na paróquia de São José (Fortaleza, CE). **Resgate**: Revista Interdisciplinar de Cultura, Campinas, SP, v. 27, n. 2, p. 175-194, 2019. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/resgate/article/view/8656538/21909. Acesso em 25 de abril de 2025.

DUPUY, Jean-Pierre. **Pour un catastrophisme éclairé**. Paris: Le Seuil, 2002.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Campinas: Papirus, 1990.

GUERRA, Paulo de Brito. **A civilização da seca**. Fortaleza: DNOCS, 1981.

GOOD, D.H.; REUVENY, R. On the collapse of Historical Civilizations. **American Journal of Agricultural Economics**. [s. l.], 91(4), p. 863-879, November, 2009.

HARARI, Yuval Noah. **Sapiens**: Uma Breve História da Humanidade. São Paulo: L&PM, 2014.

HARAWAY, Donna. **Staying with the Trouble**: Making Kin in the Chthulucene. Durham: Duke University Press, 2016.

HARWOOD, Jonathan. The green revolution as a process of global circulation: plants, people and practices. **Historia Agraria**. [*S. l.*], n.75, p. 7-31, Agosto 2018.

HOLT, Emily; MAHONEY, Grace. Rupture and Call: Famine Encounters from Contemporary Irish and Ukrainian Women in the Arts. **East/West: Journal of Ukrainian Studies**. [*s. l.*], v.VII, n.2. p. 69-97, 2020.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu**: palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KUYUMCU, Fehume Nihal. Reception of the children's theater. **Open Science Journal**. August, 2017.

MUNANG, R.T.; THIAW, I.; RIVINGTON, M. Ecosystem Management: Tomorrow's Approach to Enhancing Food Security under a Changing Climate. **Sustainability.** [*s. l.*], v.3, p. 937-954, 2011.

O'FLAHERTY, Liam. **Famine**. London: Victor Gollancz Ltd., 1949.

Ó GRÁDA, C. Famine: **A Short History**. Princeton University Press, 2009.

OLIVER-SMITH, Anthony. Adaptation, Vulnerability, and Resilience. Contested Concepts in the Anthropology of Climate Change, p. 206-218. In: KOPNINA, Helen; SHOREMAN-OUIMET, Eleanor (dir.). **Routledge Handbook of Environmental Anthropology**. Londres: Routledge, 2017.

PEREIRA, José Carlos. Da finta de mandioca ao CONSEA e aos Quintais Maravilha: fome e migração. **Ruris**. Campinas, v.15, n.01, p. 109-154, 2023

QUEIROZ, Rachel de. **O quinze**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2023.

REVET, Sandrine. **Anthropologie d'une catastrophe. Les coulées de boue de 1999 au Venezuela**. Paris: Presses de la Sorbonne nouvelle, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (org.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Edições Almendina, 2009.

SERRES, Michel. **O Contrato natural**. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.

SHIVA, Vandana. **Monoculturas da Mente**. São Paulo: Gaia, 1993.

WAAL, Alex de. **Mass Starvation**: the History and Future of Famine. Medford: Polity Press, 2018.

Referências aos documentos audiovisuais

BLACK '47. Direção: Lance Daly. Produção: Macdara Kelleher; Tim O'Hair; Arcadiy Golubovich; Jonanthan Loughran; Jani Thiltger; Martin Metz. Música Brian Byrne. Roteiro: PJ Dillon; Pierce Ryan; Eugênio O'Brien; Lance Daly. Baseada na História de PJ Dillon e Pierce Ryan. Irlanda, 2018.

A PERGUNTA. Intérprete: Elomar. Compositor: Elomar Figueira de Mello. In: Elomar, **Na Quadrada das Águas Perdidas**. [*S. l.*]: Discos Marcus Pereira Ltda. 1979; LP. Disco 1, Lado B, faixa 3.

CURVAS DO RIO. Intérprete: Elomar. Compositor: Elomar Figueira de Mello. In: Elomar e Arthur Moreira Lima, **Parcelada Malunga**. [*S. l.*]: Discos Marcus Pereira Ltda. 1980; LP, faixa 2.

PULUXIA. Intérprete: Elomar. Compositor: Elomar Figueira de Mello. In: Elomar, **Na Quadrada das Águas Perdidas**. [*S. l.*]: Discos Marcus Pereira Ltda. 1979; LP. Disco 2, Lado B, faixa 5.

RETIRADA. Intérprete: Elomar. Compositor: Elomar Figueira de Mello. In: Elomar, **...Das Barrancas Do Rio Gavião**. [*S. l.*]: Polygram Discos Ltda. 1973; LP. Lado B, faixa 3.